

## PROGRAMA “E AGORA, JOSÉ?” GRUPO SOCIOEDUCATIVO COM HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA AS MULHERES

*“E agora, José?  
A festa acabou,  
a luz apagou,  
o povo sumiu,  
a noite esfriou,  
e agora, José?  
e agora, você?”*

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

### FLÁVIO URRÁ

*Psicólogo e sociólogo,  
mestre em Psicologia Social  
pela PUC/SP. Participa  
do Elo Mulher – Grupo  
Intersecretarial de Gênero  
da Prefeitura de Santo  
André, atua como Diretor do  
Departamento de Orçamento  
Participativo da Secretaria de  
Orçamento e Planejamento  
Participativo.*

### MARIA CRISTINA PACHE PECHTOLL

*Gestora Pública, Mestra em  
Administração. Coordenadora  
do GT Gênero do Consórcio  
Intermunicipal Grande ABC,  
trabalha na Prefeitura de  
Santo André como Diretora  
de Enfrentamento à Violência  
contra as Mulheres e  
Equidade de Gênero da  
Secretaria de Política para as  
Mulheres.*

O Programa “E AGORA, JOSÉ?”, grupo socioeducativo com homens autores de violência doméstica contra as mulheres, é desenvolvido na cidade de Santo André, SP. Trata-se de uma parceria da Secretaria de Políticas para as Mulheres com o Tribunal de Justiça – Comarca de Santo André e a Coordenadoria de Reintegração Social e Cidadania da Secretaria Estadual da Administração Penitenciária.

Esta iniciativa surgiu a partir do Acordo de Cooperação Técnica que entre si celebraram o Tribunal de Justiça de São Paulo e o município de Santo André, em abril de 2013, a fim de fortalecer a implementação da Lei Maria da Penha a partir da Campanha Nacional da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República “Compromisso e Atitude pela Lei Maria da Penha – A lei é mais forte”.

O Programa “E agora José?” foi construído com base no termo de referência elaborado em julho de 2008, resultado de discussões realizadas por diferentes ministérios e representantes da sociedade civil no Seminário “Discutindo os Centros de Educação e Reabilitação do Agressor”, realizado no Rio de Janeiro (BRASIL, 2008).

Os serviços de atendimento a homens autores de violência estão previstos na Lei 11.340/2006 – Lei Maria da Penha, em suas disposições finais no Artigo 35 – inciso V, prevendo a criação de centros de educação e de reabilitação para os agressores e modificando, no artigo 45, a redação da Lei de Execução Penal, possibilitando que, nos casos de violência doméstica contra a mulher, o juiz possa determinar o comparecimento obrigatório do autor de violência a programas de recuperação e reeducação.

De acordo com Juíza da 2ª Vara de Direito da Comarca de Santo André, Tereza Cristina Cabral Santana, “a partir do momento da condenação, nas sentenças, aplicamos benefício da suspensão condicional da pena, e não do processo. Como condição para isso, encaminhamos o condenado para a Central de Penas Alternativas, envolvendo o projeto apresentado”.

Neste contexto, o Programa “E agora José?” iniciou suas atividades em 22 de outubro de 2014, com um total de 27 homens atendidos semanalmente por uma equipe de facilitadores.

Em uma perspectiva de gênero, mulheres e homens são socializados para exercer determinados tipos de comportamento, baseados em modelos e papéis sociais orientados por uma visão falocêntrica e patriarcal, valorizando os aspectos ligados ao masculino e inferiorizando os aspectos femininos. Uma cultura que desvaloriza e oprime as mulheres acaba por legitimar e banalizar a violência doméstica de gênero.

A Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher (ou Convenção de Belém do Pará), aprovada em 1994 pela OEA, constitui uma vitória fundamental do movimento de mulheres e homens no continente americano. Na introdução do relatório produzido pelo Comitê Latino Americano dos Direitos da Mulher (CLADEM), ressalta-se a relevância desta Convenção no reconhecimento da violência contra a mulher como violação dos direitos humanos e das liberdades fundamentais. Portanto, a violência de homens contra mulheres é um problema de saúde pública e direitos humanos que merece atenção especial (Blay, 2014, p. 124).

A partir dessa percepção, o Programa "E agora José?" busca questionar os papéis sociais de gênero que têm legitimado as desigualdades sociais e a violência contra as mulheres, por meio do processo socioeducativo, de ações que propiciem a reflexão e de uma pedagogia que conduza a responsabilização do autor de violência.

Nas palavras de Silmara Conchão, Secretária de Política para as Mulheres do município de Santo André: "Os agressores têm de ser responsabilizados pelos atos que cometem. Não podemos ficar enxugando gelo na questão da violência contra a mulher, devemos sim atuar na origem do problema, para que a gente possa resignificar o que é ser homem e ser mulher na nossa sociedade."

O objetivo geral do Programa "E agora José?" é promover atividades pedagógicas e educativas, assim como o acompanhamento das penas e das decisões proferidas pelo juízo competente no que tange aos homens autores de violência doméstica contra as mulheres.

E tem ainda como objetivos específicos:

- promover atividades educativas e pedagógicas nos grupos reflexivos, a partir de uma perspectiva de gênero feminista e de uma abordagem responsabilizante;
- articular permanentemente com os serviços da Rede de Atendimento, em especial com o Sistema de Justiça (Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, Ministério Público, Central de Medidas Alternativas, Secretarias Estaduais/Municipais de Justiça);
- potencializar a participação de outros homens em ações pelo fim da violência contra mulher, com participação ativa no Fórum de Gênero e Masculinidades do Grande ABC;
- fornecer informações permanentes sobre o acompanhamento dos homens autores de violência ao juízo competente, por meio de relatórios e documentos técnicos pertinentes;
- encaminhar para programas de recuperação específicos e para atendimento de saúde mental (quando necessário).

O processo socioeducativo é conduzido por uma equipe de facilitadores\* que participam como parte integrante do grupo, com espaço para expor suas opiniões e ideias e ser questionado, colaborando na construção das relações, propondo atividades a serem realizadas durante os encontros.

\* Equipe de facilitadores:  
Paulo Cagliari, João Batista de Souza, Fausto Santos Borges, Reginaldo Bombini e Flávio Urra (facilitador e supervisor).

Os facilitadores têm o papel de conduzir e facilitar a dinâmica do grupo, por meio de atividades educativas e pedagógicas, proporcionando o surgimento de potencialidades nas pessoas e no grupo. Portanto, o trabalho no grupo é de caráter socioeducativo e reflexivo, logo, não consiste em psicoterapia e não é substitutivo das ações policiais, jurídicas, médicas e psicológicas de atenção à violência.

Existe um núcleo coordenador do projeto que é composto por uma pessoa representando a Secretaria de Políticas para as Mulheres de Santo André, uma representando a Coordenadoria de Reintegração Social e Cidadania da Secretaria da Administração Penitenciária – Unidade de Santo André e um supervisor do trabalho em grupo especialista em masculinidades e trabalho com grupos reflexivos.

Os encontros são semanais, às quartas-feiras, com duração de duas horas, das 18h às 20h, com o máximo de 20 participantes. Porém, o grupo apenas recebe homens autores de violência encaminhados por decisão proferida pelo juízo competente. O ciclo de encontros se repete a cada vinte. Os participantes podem iniciar a qualquer momento.

O perfil da turma é variado, com idades e classes sociais diversas, o mais jovem tem 22 anos e o mais idoso, 72 anos. As causas da condenação, em geral, são lesões corporais, ameaças e perturbação de tranquilidade. Casos mais graves, como homicídio ou tentativa de homicídio, não são incluídos na ação.

A proposta aplicada no grupo foi construída com o envolvimento de muitas pessoas, aplicadas em vários grupos de homens e mulheres. A metodologia foi baseada principalmente em três publicações: na *Proposta Metodológica para o Trabalho de Gênero com e entre Homens*, desenvolvida pelo Centro de Educación y Comunicación Popular CANTERA, de Manágua; na metodologia de educação popular feminista extraída do livro *Mulheres e homens trabalhando pela paz e contra a violência doméstica*, organizado por Vera Vieira e Clara Charf da Associação Mulheres pela Paz de São Paulo (2012); e na série *Trabalhando com homens jovens: da violência para convivência* do Instituto Promundo e seus colaboradores do Projeto H (2001).

Nossa ementa de trabalho se baseia em conceitos e estudos que abrangem estrutura social e desigualdade; poder e dominação; estudos sobre gênero e masculinidades; ideologia e reprodução do machismo; a constituição do patriarcado; a construção sócio-histórica da masculinidade; as lutas das mulheres e o feminismo; análise dos efeitos da socialização masculina; estudo dos elementos constitutivos da violência; violência de gênero e violência doméstica; processo socioeducativo para homens; grupos reflexivos de homens; serviço de responsabilização e educação de agressores.

Temáticas e técnicas dos 20 encontros:

1. o significado de ser homem;
2. divisão de tarefas masculinas e femininas;
3. profissões masculinas e femininas;
4. como nos tornamos homens;
5. os efeitos do nosso modo de ser homens;
6. a violência nos jogos infantis;
7. a luta pela vida;
8. violência contra a mulher;
9. é possível uma vida menos violenta;
10. a discriminação exercida pelos homens;

11. a discriminação sofrida pelos homens;
12. minha Vida de João;
13. coisas de Homem X Coisas de Mulher;
14. nasce um bebê;
15. estereótipos em debate;
16. a honra masculina;
17. comportamento de risco;
18. não violência ativa;
19. diversidade sexual;
20. violência sexual.

Pretende-se com esse grupo socioeducativo:

- dar visibilidade as tarefas e trabalhos executados por mulheres e homens e analisar o porquê destas diferenças;
- analisar a maneira como “a forma” de ser homem, na sociedade, influencia no desenvolvimento humano das mulheres e dos homens;
- identificar a violência presente e suas diferentes manifestações nos espaços de convivência dos homens;
- propor ações viáveis para uma transformação social e diminuição da violência;
- perceber um acordo silencioso entre os homens sobre a violência de gênero;
- perceber que o espaço doméstico propicia aos homens solidariedade, afetividade e sensibilidade necessárias a uma plena masculinidade.

Após um ano de funcionamento, pudemos perceber mudanças nos discursos dos participantes. Dos 27 homens que iniciaram o processo, 17 concluíram os 20 encontros e os outros 10 permanecem vinculados ao grupo. No final das participações, pedimos para os homens deixarem um depoimento ou relato sobre sua participação. A título de resultado, vamos descrever algumas destas falas.

José I (nome fictício) garante que o aprendizado durante os encontros levou a uma mudança de comportamento e de atitudes. “Antes eu acreditava que era o dono da razão, tudo era da minha forma e da minha maneira, acreditava que o direito da mulher era não ter direito, hoje eu sei que os dois têm que caminhar juntos, com compromissos e obrigações iguais.”

Observamos relatos de mudanças de postura, como do participante José II, que, ao final dos encontros, afirmou “hoje sou um homem mais calmo, aprendi muito aqui, tenho uma nova companheira e aprendo muito com ela também”.

A responsabilização tem feito parte dos depoimentos, como afirma o José III: “Com minha idade, cometi uma besteira, reconheço que errei, não devia ter feito o que fiz contra minha companheira, respondo pelos meus atos, me separei, fui morar numa pensão...”

Parte importante do processo é que os homens assumam o compromisso, que, de agora em diante, nunca mais cometerão uma violência contra a mulher, objetivo que podemos considerar atingido na fala de José IV: “Agora não virei um santo, mas não cometerei mais o que fiz, na vida toda nunca tinha sido agressivo, mas acho que a vida me deixou amargurado e nisso acabei descontando nela...”

Por fim, o depoimento do José V descreve a resistência inicial em participar do grupo, vivida pela maioria dos participantes, mas que depois passam a consi-

derar de forma positiva para suas vidas: “Sou casado há 35 anos, sou avô, tenho 3 netos. Eu passei por uma crise financeira, agredi minha esposa, ela me agrediu também. Fui denunciado. No começo achei ruim, mas depois achei bom. A Juíza me mandou para esse grupo, no começo tive preconceito, depois vi que não era nada daquilo. Hoje, mesmo quando me tiram do sério eu não revido, não me altero. Eu espero que sigam o meu exemplo e não cometam mais esse erro.” Nesse trecho final de sua fala, percebemos o papel de educador que o homem que está encerrando o ciclo passa a desempenhar perante o participante recém-chegado.

Em nossa visão, o Programa “E Agora José?” tem proporcionado a nós e aos demais participantes um espaço rico em reflexões, trocas, arrependimentos e responsabilizações. Um percurso de 20 encontros para os autores de violência e permanente para nós, facilitadores e núcleo de coordenação. Processo que nos proporciona uma constante retomada de posicionamento e significação perante o desafio de enfrentamento a violência contra a mulher. Mas com uma perspectiva otimista de estar construindo novos discursos sobre a masculinidade, para além da violência, do assédio, do preconceito e da discriminação presentes no discurso machista.

“(...)

*Sua doce palavra,  
Seu instante de febre,  
Sua gula e jejum,  
Sua biblioteca,  
Sua lavra de ouro,*

*Seu terno de vidro,  
Sua incoerência,  
Seu ódio – e agora?”*

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

## REFERÊNCIAS

- Andrade, C. D.** (2013). *Alguma Poesia*. Recuperado em 8 de dezembro, 2015, de <http://drummond.memoriaviva.com.br/alguma-poesia/jose>.
- Arilha, M. & Arruda, S. & Unbehaum, S. & Afano, B.** (2001). *Série Trabalhando com homens jovens: da violência para convivência*. Rio de Janeiro: Instituto Promundo e colaboradores.
- Blay, E. A.** (Org.) (2014). *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher* (1ª ed.). São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Brasil.** Presidência da República – Secretaria de Políticas para Mulheres – Secretaria de enfrentamento à violência contra as mulheres. (2008). *Diretrizes para Implementação dos Serviços de Responsabilização e Educação dos Agressores*. Recuperado em 8 de dezembro, 2015, de <http://www.spm.gov.br/sobre/a-secretaria/subsecretaria-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres/pacto/servico-de-responsabilizacao-do-agressor-pos-workshop.pdf>
- Charf, C. & Vieira, V.** (Orgs.) (2012). *Mulheres e homens trabalhando pela paz e contra a violência doméstica*. São Paulo: Associação Mulheres pela Paz.